

## Moda e Memória:

A importância da vestimenta para a construção de memórias afetivas

SILVEIRA, Laiana Pereira da<sup>1</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa possui como foco principal trabalhar a relação da moda com a memória, e ressaltar a importância das nossas vestimentas para a construção desse vínculo afetivo, sendo um pequeno recorte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso "Moda e Memória: A construção de uma coleção de moda a partir das memórias afetivas vinculadas a objetos pessoais". Trazendo uma reflexão através de um referencial bibliográfico com autores da área da moda, história e filosofia, e com relatos obtidos por meio de um questionário virtual apresentado na pesquisa original. Através deste artigo, buscou-se despertar no leitor questionamentos sobre o valor atribuído a vestimenta usada, visto que a mesma, pode ser considerada como uma espécie de "primeira pele", moldando-se ao nosso corpo e absorvendo marcas ao longo do tempo e de sua usabilidade. A roupa e quem a carrega, compartilham algumas cicatrizes, marcas e, claro, memórias e esquecimentos de momentos vividos.

**Palavras-chave:** Moda. Memória. Vestimenta. Objetos. Lembranças.

**Resumen:** La presente investigación tiene como foco principal trabajar la relación de la moda con la memoria, y resaltar la importancia de nuestras vestimentas para la construcción de ese vínculo afectivo, siendo un pequeño recorte de la investigación de trabajo de conclusión de curso "Moda y Memoria: una colección de moda a partir de las memorias afectivas vinculadas a objetos personales ". Trayendo una reflexión a través de un referencial bibliográfico con autores del área de la moda, historia y filosofía, y con relatos obtenidos por medio de un cuestionario virtual presentando en la investigación original. A través de este artículo, se buscó despertar en el lector cuestionamientos sobre el valor atribuido a la vestimenta usada, ya que la misma, puede ser considerada como una especie de "primera piel", moldeándose a nuestro cuerpo y absorbiendo marcas a lo largo del tiempo y de su usabilidad. Laropay quien

---

<sup>1</sup> Curso superior de Tecnologia em Design de Moda - Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas Visconde da Graça, email: laianasilveira@gmail.com.

la carga, comparten algunas cicatrices, marcas y, por supuesto, memorias y olvidos a través de los momentos vividos.

**Palabras clave: Moda. Memoria. Vestimenta. Objetos. Recuerdos.**

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de trabalho de conclusão de curso “Moda e Memória: A construção de uma coleção de moda a partir das memórias afetivas vinculadas a objetos pessoais”, defendida em junho de 2018 no curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas Visconde da Graça, situado na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

O objetivo principal desta pesquisa foi refletir sobre a importância que a vestimenta possui na construção de nossas memórias afetivas, apresentando aqui um breve referencial bibliográfico com autores da área da moda, história e filosofia. Para a construção da pesquisa de conclusão de curso, foi aplicado um questionário disponibilizado em apêndice no arquivo original do trabalho, e aqui são trazidos alguns relatos dos entrevistados.

I

Inicia-se então trazendo o conceito da palavra memória.

Me-mó-ria sf 1. Faculdade de reter ideias, impressões e conhecimentos anteriormente adquiridos. 2. Lembrança, recordação, reminiscência. 3. Celebridade, fama, renome. 4. Memento (memorando; apontamento). 5. Monumento comemorativo. 6. Narração, relato. 7. Aquilo que serve de lembrança. 8. Nota diplomática; memorial. 9. Dissertação acerca de tema literário, científico ou artístico. 10. Dispositivo de computador que permite o armazenamento e a recuperação de informações (DICIONÁRIO BARSA, 1990. p. 669).

Estas são algumas definições concebidas pelo dicionário da Barsa (1990) quando se pesquisa a palavra memória, mas afinal o que é memória? Depende do contexto. Porque memória é um conceito muito amplo, a própria definição do

dicionário mostra isso, memória pode ser falada no ponto de vista histórico ou então do ponto de vista pessoal, ou da preservação, a memória pode ser algo momentâneo, ou algo do passado, um passado longínquo ou recente.

Memórias pessoais, memórias coletivas, memórias institucionais, memórias patrimoniais, memórias sociais. De acordo com um dos entrevistados, memória pode “significar algo marcado no tempo. Uma ponte que liga e transporta algo significativa ao nosso emocional” (entrevistado 15, 2018, p. 83), memória pode ser também “aquilo que guardamos como lembrança de nossas vivências. A memória não necessariamente tem preocupação com a realidade dos fatos ocorridos, mas sim com o significado deles para cada um de nós” (entrevistado 13, 2018, p. 79).

Memória é difícil de definir e é tema de milhares de pesquisas dentro da academia, Nery (2015) define “em um conceito amplo, a memória é algo que se constrói depois do ocorrido, a posteriori, é a relação do homem com o tempo, é aquilo que guardamos do nosso passado sempre ressignificado” (NERY, 2015, p. 29), porém, a delimitação escolhida para seguir é sobre memórias afetivas e como ligá-las a moda através do desenvolvimento de uma coleção.

Quais formas de juntar a vestimenta com as lembranças, criando uma coleção que nos represente a memória, ou as memórias. E como ligar a moda a memória? Essa pergunta pode ter inúmeras respostas. Stallybrass (2012) conta em seu livro que pensar sobre roupas significa pensar sobre memórias, essa conexão já está feita inconscientemente, o autor Santos (2003) fala que:

A memória está presente em tudo e todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma; ela é objetiva em representações sociais, textos e comemorações (SANTOS, 2003, p. 25).

A memória é atemporal, pode ser construída através da união de acontecimentos que caracterizam a vivência de cada ser humano, pode ir e vir na nossa mente, e pode ser considerada uma das principais fontes de acesso ao nosso passado pessoal, passado recente ou distante, marcando o passar do tempo, o acúmulo de vivências e experiências, e definindo uma época.

No questionário aplicado como parte da metodologia escolhida, a primeira pergunta que o entrevistado tinha contato era “o que significa a palavra memória pra ti?” e uma das respostas em destaque foi “parte cognitiva do nosso cérebro que guarda nossas experiências vividas” (entrevistado 10, 2018, p. 74), em outro relato há a seguinte definição “1 – processo cognitivo associado às lembranças. 2 – construção de uma identidade de determinada população/sociedade” (entrevistado 12, 2018, p. 77).

Merlo (2015) diz, “por memória, entende-se um movimento de rever, revisar, reescrever a história sua e dos outros, partindo do presente, indo ao passado e retornando ao presente” (MERLO, 2015, p. 13), é esse transitar contínuo que acontece de forma involuntária até mesmo quando estamos pensando em como definir memória, é o ir e vir de nossos pensamentos quando nos questionam sobre um momento específico, que precisamos recordar, voltar no tempo. O historiador francês Le Goff (1924) traz como definição de memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1924, p. 419).

Este conceito é conhecido por ser voltado para o lado da psicologia e memória social, relacionando o indivíduo ao processo de armazenamento de acontecimentos. Outra definição existente é a de “lugares de memórias”, investigada pelo também historiador francês Pierre Nora (1993), conhecido por suas pesquisas na área da antropologia e por seus estudos sobre memória, ele define:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento,

inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

A memória é a absorção de registros de fatos vividos ou conhecidos, e em nossas memórias afetivas que vivem lembranças de bons momentos, outros momentos que não são tão felizes, mas nos marcaram por algum motivo, acontecimentos que deseja-se esquecer e não consegue-se, outros que opta-se por eternizar. Pode-se dizer que a memória é um lugar onde guarda-se coisas que aconteceram ao longo da vida, considerado por Nora (1993) como “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p. 9).

Memória pode ser algo visível, depende do ponto de vista de cada um, memória pode estar representada através de um objeto, algo palpável. Há quem diga que memória possui um formato, que pode ser um baú, muitos relacionam a uma caixinha, onde se guarda todos os momentos vividos, todas as recordações e, também algo que deseja-se guardar para sempre. Pollak (1992) especifica estes lugares como:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que a vivencia se deu (POLLAK, 1992, p. 2).

Muitas vezes são estes lugares o fator determinante para a concepção de uma memória, e nessa questão de espaço, a construção através do ambiente pode torná-lo o objeto mais valioso e memorável. Nora (1993) traz em sua definição “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 13),

Ou seja, a memória está presente em tudo e em todos, a identidade e o ser é criado a partir de tudo o que é lembrado, pode-se resumir que as pessoas são as memórias que elas têm, fazendo pensar o que é valorizado e o que se é, a memória faz-se revisar a vida.

A memória constrói-se com os resíduos deixados por uma experiência, ou de um acontecimento, resíduos que são acumulados ao longo da vida, e a partir deste

acumulo que se é criando uma bagagem emocional, conhecidas como lembranças, que quando boas deseja-se preservar, e quando ruins prefere-se esquecer, pois através destas lembranças sensações. Nery (2015) comenta que:

Todas as lembranças, tudo o que é evocado pela memória, sofre uma alteração influenciada pelo tempo presente. Por isso não há um resgate da memória e do passado, pois ela não é lembrada de maneira intacta e “perfeita”, ela é sempre uma representação, uma releitura do que aconteceu, sempre com os olhos de onde se está: do presente (NERY, 2015, p. 30).

E quando são relacionadas duas áreas de conhecimento como memória e moda, pode-se ter uma imersão muito profunda no cruzamento das informações desses dois assuntos, muitos relacionam as roupas que usavam na infância, retratando o momento vivido, com os resquícios que ainda restam, outros falam carinhosamente das roupinhas de bebê de quando os filhos ainda eram pequenos, trazendo aquele ar de nostalgia.

Ao referir-se à palavra moda, ela pode estar relacionada a hábitos, costumes, comportamento, tendências, estilos, período cronológico, moda é modos, a palavra “moda” é aplicada a vários outros campos de pesquisa que não seja o vestuário como neste projeto. A moda por si só “é uma forma especializada de ornamentação do corpo” (JONES, 2005, p. 24), e dentro deste capítulo salienta-se especificamente a concepção de moda como um fenômeno social ligado ao vestuário, apontando este campo para relacionar com memória.

Moda e memória estão diretamente ligadas, pois, a vestimenta que é usada está inserida tanto no âmbito da moda como no da memória, pois, mesmo inconscientemente, faz-se lembrar de momentos já vividos, ou seja, a roupa além de fazer lembrar algo, também possui a sua própria carga histórica por estar presente no momento vivido. A historiadora e mestre em Memória Social, Luciana Andrzejewski (2015) traz em sua contribuição para o livro Memórias e Museus de Márcia Merlo, uma reflexão sobre a moda como despertar da memória, onde afirma que:

A moda, mais do que qualquer outro objeto, é o que está mais próximo da gente. A partir da roupa ou do acessório, podemos lembrar com precisão momentos importantes que estiveram relacionados a algum momento da nossa história pessoal (ANDRZEJEWSKI, 2015, p. 89).

A roupa além de ser um objeto, não é qualquer objeto, é o que está mais próximo ao indivíduo, que está conectado diretamente a pele, protegendo o corpo, sofrendo o primeiro impacto, e como qualquer outro objeto, as roupas podem dizer muito sobre a personalidade de cada um, pode representar algo mais valioso, e receber alguma atribuição afetiva que vá além da sua funcionalidade inicial, Nery (2015) ressalta que:

Os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, tanto aqueles que estão mais próximos do corpo, a exemplo daqueles que compõem a indumentária e a vestimenta, quanto os que ficam escondidos em gavetas, em caixas ou expostos nas estantes domésticas. Esses objetos que são guardados e preservados pelo seu dono, aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros indivíduos, que por ventura estiverem na sua presença, principalmente para as pessoas mais próximas (NERY, 2015, p. 18).

A roupa, carregando informação de moda ou não, é uma forma de extensão do corpo, e mesmo quando alguém fala que saiu de casa usando a primeira peça de roupa que viu, sem se importar, não é verdade, por que a roupa, além de cumprir seu papel primordial que é cobrir os corpos por causa do pudor, também possui o papel de comunicar através da imagem, evidenciando sentimentos, sensações e atitudes, Castilho e Martins (2005) ressaltam:

Nascemos nus e vivemos vestidos. É justamente o modo como cobrimos e descobrimos nosso corpo que faz “a” diferença. A sociedade contemporânea, que tanto privilegia a imagem, a forma, os adornos e trajes como sistemas de significação, de caráter simbólico, é quem faz com que tipos de trajes e objetos readquiram uma grande importância (CASTILHO e MARTINS, 2005, p. 32).

Está, digamos que implícito no comportamento da sociedade a real importância que se dá as roupas, e como que algo tão importante em suas vidas poderia estar desvinculado as memórias? Inimaginável. A indumentária num todo, pode ser vista como um elemento primordial para registrar as memórias de algum momento específico, as peças de vestuário assumem uma responsabilidade informativa, as

roupas viram mediadoras entre o visível e o invisível, ao mesmo tempo em que as são marcadas pelas pessoas, elas também marcam quem veste-as.

Ao adquirir uma peça de roupa e usá-la uma, duas ou inúmeras vezes, ela acaba sendo exposta de forma insensível, pois qualquer impacto que é direcionado a pessoa, tocará primeiramente ao tecido, e com o tempo ele ganhará marcas, puídos, passará por lavagens, pegará sol, chuva, vento, e cada marca adquirida ao longo do uso fará parte da construção de memória através dessa peça, e apesar de toda fragilidade e exposição “elas resistem à história de nossos corpos” (STALLYBRASS, 2012, p. 11).

Além disso, as peças de roupa mesmo quando estão em desuso, permanecem presentes no nosso subconsciente, principalmente dos profissionais que atuam na área da criação de moda, porque hoje em dia é difícil criar algo totalmente inovador, e vemos muitas peças antigas retornarem nas coleções com algum diferencial, isto é criar em cima do que já existe inspirado no que já foi feito.

Ao longo do tempo podemos perceber que alguns elementos da moda ressurgem como aposta de tendência, repaginados, com toques diferentes da forma que foi visto anteriormente, como o caso da pochete que era um acessório de 1980 e agora voltou com tudo, e porque esse fenômeno acontece? Por que inspira-se no passado?

Inspira-se nos anos de 1980, 1990 e assim por diante, a cada temporada escolhe-se uma década para coletar informações de vestuário, seja no comportamento do período, o que estava em alta no estilo de vida da sociedade, qual a silhueta, as formas, as texturas, entre outros elementos. Jones (2005) fala que:

As roupas antigas são admiradas não só pelo tratamento artesanal e o cuidado com os detalhes quase impossível de se obter hoje em dia, mas também porque despertam um sentimento de nostalgia por estilos de vida que já se foram. O aspecto “emocional” das roupas é um elemento importante do design (JONES, 2005, p. 24).

Jones (2005) ressalta também a questão de antropólogos explanarem o papel da moda na criação da identidade individual e/ou coletiva, pois, com o passar do tempo às peças adquiriram significados dentro da moda, rótulos que é ouvido no dia a dia e carregamos muitas vezes inconscientemente e é passando adiante.

Como é o caso do “pretinho básico como peça coringa”, “vestido longo que é para festa”, o “vestido de noiva que é branco e representa pureza”, “o preto muitas vezes atribuído também para representar o luto”, sem contar as vestimentas típicas regionais. Além dessas pré-definições já estabelecidas pela sociedade, existem também a identificação de como a pessoa é e o que ela quer transmitir através de uma peça. Barthes (1979) cita que:

A roupa não é apenas um objeto de um fenômeno efêmero que é a moda, mas ela resiste aos corpos, os corpos vêm e vão e elas sobrevivem. A roupa veste seu próprio “eu”, usando o corpo em sua forma mais pura e por uma espécie de tautologia remete ao próprio vestuário (BARTHES, 1979, p. 245).

Por isso a vestimenta pode sim ser considerada um objeto de estudo social, podendo caracterizar um período a partir de uma peça de vestuário, auxiliando na construção de memórias. O indivíduo que carrega a roupa possui uma companhia, uma extensão da sua pele, e os dois juntos podem criar situações que ficarão eternizadas, através do compartilhamento de uma mesma vivência, isso faz com que a vestimenta possa servir de suporte para as recordações.

Após o uso, o contato com o meio externo, a roupa é tirada do corpo, passada por um processo de higienização através da lavagem, secagem e passadoria, e após todas essas etapas de cuidado, retorna ao guarda-roupa com uma nova história na sua bagagem, e ao mesmo tempo pronta para fazer companhia ao corpo que irá vestir numa próxima aventura, este é o ciclo normal da vestimenta. Fagundes (2011) observa que:

A roupa – como objeto material de uso cotidiano – é dotada de elementos subjetivos, composta por uma memória sensitiva e carregando nossa forma física, nosso cheiro, nosso suor. Carrega também memórias, nomes e o espírito de quem a pertenceu (FAGUNDES, 2011, p. 1).

É por isso que a relação da moda com a memória é tão forte, pelo simples – mas, não tão simples assim – fato de um pedaço de tecido despertar sentimentos e sensações numa pessoa, uma peça de roupa ser tão especial por lembrar um momento vivido, que por mais gasta que esteja, e já ter perdido sua funcionalidade, ainda ter um lugar especial em seu guarda-roupa ao invés de ser descartada facilmente.

Aqui é possível lembrar-se de quando o autor Stalybrass (2012) fala sobre a jaqueta do amigo, com os cotovelos puídos, e explica-se “puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de memória” (STALYBRASS, 2012, p. 10). As peças de roupas podem muito bem serem consideradas gatilhos para as lembranças. Uma das entrevistadas inclusive relata a importância que uma peça de roupa específica tem na sua vida, quando ela é questionada de qual o objeto tem um espaço especial em sua memória afetiva e ela fala:

Meu vestido de noiva. O dia do meu casamento não é a minha memória mais feliz, pois foi um momento de extremo cansaço e preocupações. Mas o meu vestido representa para mim o motivo do casamento, a união e o amor. Ele foi planejado por mim e costurado pelas mãos da minha avó Inha que é uma das pessoas mais especiais que meu coração pode ter. Ele teve um único momento de uso, feito especialmente para o grande dia. Será eternamente gravado na minha memória e tenho um carinho mais que especial. Jamais irei me desfazer dele, contudo se algum dia eu tiver uma filha e ela desejar usar meu vestido de casamento no seu casamento, podendo usar ele intacto ou reconstruir ele, com certeza me sentirei muito honrada (entrevistada 15, 2018, p. 84).

Isto é a contribuição de uma peça de roupa para eternizar um acontecimento especial, e registrar na memória a experiência e a sensação vivida num momento específico. Está explícita a atribuição de um valor sentimental ao objeto e como o vínculo com sua dona foi criado, como tudo foi planejado, e indo mais além, até a mão de obra familiar tornando a peça mais especial ainda.

Se parar-se por alguns minutos para refletir e analisar o guarda-roupa, é possível encontrar uma peça – uma não, várias peças – que também fará lembrar-se de alguém, de algo ou de algum momento singular, que poderá ser considerado tão

marcante quanto o relato da entrevistada mencionando o dia de seu casamento através de uma peça de roupa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível concluir que pesquisas relacionando duas áreas das ciências humanas tão amplas como são a moda e a memória social, correlacionadas, possuem um grande e valioso potencial de enriquecimento para a sociedade. Instigando a uma reflexão que visa abrir os horizontes e expandir as perspectivas fazendo como que a vestimenta seja vista com um olhar mais criterioso, cauteloso e afetivo, tanto na hora de adquirir uma peça nova, quanto a construção ao longo do período dessa construção de momentos entre o indivíduo e a vestimenta, e principalmente no momento de desapegar-se passando adiante ou aposentando-a.

É importante ressaltar que os relatos obtidos através do questionário virtual, presentes em apêndice na pesquisa original, foram de grande valor para entender como as pessoas carregam e valorizam suas memórias mais preciosas, e como isso pode ser guardado através de um objeto – que neste caso é limitado a analisar dentro das vestimentas – e como os objetos fazem um papel importante do dia a dia e que deve-se atribuir valor afetivo sim a bens materiais, e quando possível e desejado, compartilhá-los com outras pessoas mesmo que seja apenas em forma de relato.

Por fim, é presumível que este objeto que está ligado à nossa indumentária, além de ser um veículo de comunicação visual, que expressa um pouco da personalidade do indivíduo que a usa, é também um auxiliar de construção das nossas lembranças mais pessoais, por ter vivido aquele momento junto a pessoa e por possuir uma carga emocional singular, criada com o passar do tempo. E se esta mesma peça for passada adiante, carregará consigo todas as memórias do seu antigo usuário, e criará novas memórias através de momentos futuros a serem vividos com a pessoa que adquiri-lo.

## REFERÊNCIAS

ANDRZEJEWSKI, Luciana. A moda como despertar da memória. In: MERLO, Márcia (org). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. p. 89-98.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo Machado. **Discursos da moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

DICIONÁRIO BARSA DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Barsa Planeta, 1990. 2v.

FAGUNDES, Joyce Corrêa. O RG Feminino Impresso no Vestuário. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidade e (Desigualdades)**, Salvador, 2011.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion design: manual do estilista**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MERLO, Márcia. **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras, 2015.

NERY, Olivia Silva. **A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problematização dos lugares. Trad. Yara Aun Houry. In:\_\_\_\_\_. **Projeto História**, São Paulo, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**. Trad. Monique Augras. Rio de Janeiro, 1992. p. 200-212.

>. Acesso em 14 jan. 2011.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.